



O descompasso crescente da qualificação profissional

Síntese: *O Brasil tornou-se um dos países do mundo onde é maior a dificuldade de se obter mão de obra qualificada, hoje a principal preocupação das empresas aqui instaladas. A saída está em investir em formação e qualificação profissional, algo que o governo federal esteve longe de fazer nos últimos anos. A despeito de as receitas do FAT terem dobrado, os investimentos públicos em formação de pessoal caíram drasticamente. A gestão Dilma Rousseff acaba de lançar o Pronatec, cópia de proposta apresentada pela oposição na campanha eleitoral de 2010. Resta ver se não será mais uma mera carta de intenções, como foi o fracassado ProJovem.*

A escassez de mão de obra qualificada tornou-se um dos entraves mais relevantes para o desenvolvimento do país, tanto quanto a nossa precária infraestrutura. Não importa a região, nem o setor que se observa; a carência de pessoal especializado é generalizada e só tem se agravado. O governo federal começa a dar mostras de que pretende tentar enfrentar o problema, mas a experiência recente revela a pouca atenção dedicada pela gestão do PT à qualificação profissional.

A falta de trabalhadores qualificados lidera hoje o ranking de preocupações das empresas brasileiras, deixando para trás até mesmo temas clássicos como a alta carga tributária, o custo de mão de obra e a concorrência de mercado. Pesquisa recente divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostrou que para 49% das grandes indústrias esta é hoje a principal dor de cabeça. Entre estabelecimentos de pequeno e médio portes, o percentual é ainda maior: 56,5% e 57%, respectivamente.

Estudos internacionais indicam que o Brasil é atualmente um dos países do mundo onde é maior a dificuldade de se obter mão de obra. Apenas no Japão e na Índia a escassez é mais aguda, segundo a consultoria Manpower. O problema não se limita a trabalhadores de nível superior, mais notadamente engenheiros. É cada vez mais raro também encontrar pessoal de nível médio bem treinado e qualificado à disposição no mercado.

Investimentos regridem

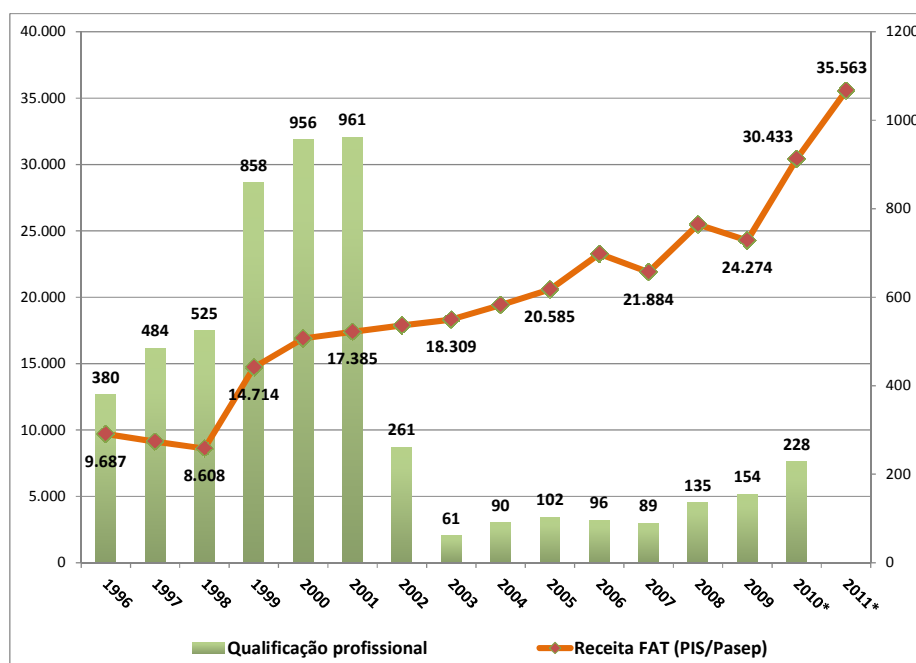
A saída está em investir pesadamente em qualificação profissional, algo que o governo federal esteve longe de fazer nos últimos anos. A maior parte das iniciativas de formação de mão de obra tem partido de entidades de classe, do Sistema S, de um ou outro governo estadual e, principalmente, do esforço das próprias empresas interessadas em contar com empregados mais capacitados: atualmente, 78% delas investem recursos próprios em treinamento de pessoal.

Diante da falta de profissionais qualificados no mercado, é inevitável analisar o que o poder público federal fez e está fazendo para enfrentar o problema. A resposta é desoladora: nos últimos oito anos, o Brasil andou para trás, com queda significativa nos gastos com qualificação profissional, a despeito de as receitas do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) terem dobrado.

De acordo com levantamento divulgado pelo Codefat (Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador), foram investidos cerca de R\$ 250 milhões em programas de qualificação de mão de obra em 2010, que corresponderam a apenas 0,5% do que foi arrecadado pelo FAT no ano. Dez anos atrás, quando se registrou o maior montante já aplicado nesta finalidade, os gastos haviam sido de R\$ 961 milhões, equivalentes a 5,5% das receitas do fundo.

Entre 1996 e 2002, foram aplicados R\$ 632 milhões anuais em média com formação e treinamento de mão de obra. Desde então, a média caiu a apenas R\$ 120 milhões. Nos anos Lula, os dispêndios com seguro-desemprego passaram a abocanhar fatias crescentes do FAT: em 2009, por exemplo, dos R\$ 24,3 bilhões arrecadados, R\$ 19,6 bilhões foram destinados a amparar trabalhadores desempregados, enquanto somente R\$ 154 milhões foram usados para qualificação.

Investimentos em qualificação profissional (em R\$ milhões)



Fontes: CGFAT/SAEG/MTE. *Gastos com qualificação em 2010: até novembro; em 2011: não disponíveis.

Hoje, em média, para cada R\$ 100 gastos pelo governo federal com seguro-desemprego, somente R\$ 1 é aplicado em programas de qualificação profissional. Apenas para se ter ideia, nos Estados Unidos a proporção é de US\$ 11,25 para cada US\$ 100. Para piorar, são recorrentes aqui as denúncias de desvios de recursos do FAT para engordar o caixa de partidos e centrais sindicais ligados ao governo. Perde o trabalhador, duplamente.

Ensino técnico desprezado

Apesar da estridência do discurso oficial, a administração petista não foi capaz de ampliar e modernizar as ações de capacitação da mão de obra no país. Por mais que nos últimos anos o número de cursos superiores tenha sido multiplicado, a oferta de cursos técnicos, por sua vez, pouco evoluiu. Segundo o Ministério da Educação, para 6 milhões de matrículas no ensino superior, há apenas 1 milhão no ensino técnico. Já no ensino médio, somente 8,7% dos estudantes têm formação técnica, percentual muito baixo quando comparado ao de nações como China (42%) e Chile (37%).

Nos últimos anos até foram feitas tentativas para remediar a situação, mas elas resultaram em fracassos. O mais retumbante deles foi o ProJovem: lançado em 2005, consumiu R\$ 3 bilhões, mas só conseguiu diplomar 1% dos alunos assistidos em áreas rurais e cerca de 20% dos que se inscreveram em centros urbanos. Passou, portanto, longe de sua missão de qualificar 4,2 milhões de jovens de 18 a 29 anos que não haviam concluído o ensino fundamental.

Ainda que com largo atraso, a gestão atual tenta agora virar o jogo. Neste mês, a presidente Dilma Rousseff sancionou a lei que institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), cujo objetivo é expandir a oferta de cursos técnicos e profissionalizantes de nível médio, e de cursos de formação inicial e continuada para trabalhadores.

A meta declarada é inaugurar 200 escolas técnicas em todo o país e oferecer 8 milhões de bolsas até 2014, com investimentos que podem chegar a R\$ 2 bilhões anuais. Trata-se de iniciativa meritória, mas que não passa de cópia de proposta apresentada pelo candidato tucano na campanha eleitoral do ano passado. O projeto foi aplaudido e aprovado com os votos da oposição no Congresso, que, inclusive, incluiu emenda destinando 30% dos recursos do Pronatec para os estados das regiões Norte e Nordeste.

Não bastam, porém, meras declarações de princípios para reverter um quadro que se agravou muito nos últimos anos, em descompasso crescente com o avanço do país. Neste ano, por exemplo, apenas 10% dos R\$ 5,8 bilhões destinados pela União a investimentos em desenvolvimento de educação profissional e tecnológica foram gastos até outubro. Resta saber se com o Pronatec será diferente e se a gestão do PT irá de fato atacar um problema que simplesmente negligenciou ao longo dos últimos nove anos. A falta de mão de obra qualificada e de pessoal bem preparado já vem mostrando que é um nó capaz de travancar o desenvolvimento do país. A economia brasileira necessitará, inexoravelmente, de mais profissionais gabaritados se quiser sustentar seu ritmo de crescimento.



“Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV” é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA – www.itv.org.br

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 – 17º andar – Sala 1707 . CEP 70.165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . itv@itv.org.br